



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O TRABALHO E A VIDA RURAL EM COMUNIDADES ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Ana Elizabeth Santos Alves*
(UESB)

Edileia Rodrigues Lima**
(UESB)

Tânia Maria Rodrigues da Rocha***
(UESB)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever o trabalho e a vida rural das famílias, enfatizando a divisão sexual do trabalho e suas respectivas relações com o uso da terra, mediado por fotografias. Fundamenta-se em dados de pesquisa desenvolvida em quatro comunidades rurais do município de Planalto - BA. O levantamento das informações ocorreu no ano de 2012 e início de 2013. No período, visitamos vinte grupos familiares. Nessas visitas realizamos observações participante, entrevistas pouco estruturadas e fotografias representativas do lugar com a intenção de ilustrar o trabalho e a vida rural.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho rural. Família. Fotografia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo fundamenta-se em dados de pesquisa²⁴⁷ desenvolvida em quatro comunidades rurais²⁴⁸ do município de Planalto - BA, situadas à

*Doutora em Educação pela UFBA. Professora dos Programas de Pós - graduação em Memória, Linguagem. e Sociedade - UESB e da Graduação do DFCH/UESB; Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação. E-mail: ana_alves183@hotmail.com.

**Graduanda em Pedagogia pela UESB. Bolsista de Iniciação Científica CNPQ. E-mail: rodrigueslimaedileia8@gmail.com.

*** Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade - UESB, Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação. E-mail: tanrr_projetos@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aproximadamente 20 km da cidade. O objetivo é descrever o trabalho e a vida rural das famílias, enfatizando a divisão sexual do trabalho e suas respectivas relações com o uso da terra mediado por fotografias. O levantamento dos dados ocorreu em 2012 e início de 2013. No período, visitamos vinte (20) grupos familiares²⁴⁹. Nessas visitas realizamos observações participantes, entrevistas pouco estruturadas e fotografias representativas do lugar com a intenção de ilustrar o trabalho e a vida rural.

As fotografias como fonte histórica documental ajudam a interpretar as atividades de trabalho e o modo de vida de mulheres e homens, proporcionando a visualização de elementos que caracterizam experiências do dia-a-dia, aspectos sobre a produção e reprodução da vida, condições de trabalho, paisagem de um determinado espaço rural ou urbano, habitações, costumes e muitas outras expressões culturais que permitem conhecer e reconstituir fragmentos de uma determinada realidade, conforme explicita Ciavatta (2002, p.30): "O olhar fixado no objeto fotográfico não é apenas uma característica do artefato, um aspecto do suporte que sustenta sua existência. Cada registro é parte de uma história e constitui ele próprio um princípio de memória". Ou seja, a fotografia possibilita a construção de uma narrativa visual, uma relação entre o significado do que a imagem representa em sua forma explícita, implícita focalizada pelo pesquisador para interpretar o mundo do trabalho nas comunidades estudadas. (KOSSOY, 1989).

Selecionamos para apresentar neste texto um conjunto de quinze (15) fotografias as quais consideramos mais significativas, tendo como ponto de partida

²⁴⁷ Este texto é parte do Projeto de pesquisa "Formação e Divisão Sexual em comunidades tradicional rural" que está sendo realizado pelo grupo de estudos História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico da UESB. Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia -FAPESB. As bolsistas de Iniciação Científica Bruna Ferreira dos Santos (bolsista UESB) e Iara Dias dos Santos (FAPESB) participam deste projeto.

²⁴⁸ A seleção das comunidades estudadas foi feita por sugestão da gerência regional da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR, em Vitória da Conquista, órgão do governo estadual da Bahia.

²⁴⁹ Estamos compreendendo "grupo familiar" como um conjunto de pessoas que são parentes e se relacionam por meio de arranjos familiares diversificados que extrapolam as fronteiras de um domicílio, configurando um tipo de família ampliada. (BRUSCHINI, 1989)



os seguintes questionamentos: O que é o trabalho no mundo rural camponês, especialmente, nas comunidades²⁵⁰ em questão? Qual o seu significado no dia a dia de mulheres e homens?

I

O trabalho no mundo rural camponês pode ser caracterizado como uma das formas sociais da agricultura familiar tradicional. Ele é constituído na inter-relação entre a propriedade da terra e a família, considerando as especificidades de cada lugar, o desenvolvimento das atividades econômicas, as experiências de sociabilidade e as formas de inserção na sociedade global. A sua autonomia econômica depende da capacidade do grupo familiar de prover as necessidades básicas imediatas dos seus membros e de proporcionar a reprodução geracional da família. (WANDERLEY, 2009).

O significado do trabalho camponês, associado à família e a produção, tem como referência garantir a sobrevivência das gerações futuras, uma vez que "(...) as estratégias da família em relação à constituição do patrimônio fundiário" (idem, p. 159-160) são orientadas segundo esse objetivo a médio e longo prazo. Como exemplo de estratégia a autora lembra da somatória dos ganhos auferidos pelos diversos membros da família na propriedade ou em outros lugares, da participação efetiva de todos no desenvolvimento do estabelecimento, inclusive contando com o apoio informal de parentes e vizinhos.

No Brasil, a inter-relação entre propriedade, trabalho e família na agricultura camponesa foi construída de modo geral "sob o signo da precariedade estrutural" (WANDERLEY, 2009, p. 168), sendo difícil para o grupo familiar o desenvolvimento do sistema clássico de reprodução geracional de subsistência. As formas de precariedade podem ser caracterizadas pela exploração familiar na venda da força

²⁵⁰ O sentido do que é comunidade rural está inserido no conceito de relação social comunitária, cuja combinação de significados é igualmente fixada pelos agentes que dela participam. O sentimento homogêneo de pertença é definidor do conceito de comunidade, além do elemento localidade, por sempre ocupar uma área territorial. (WEBER, 1994). É definida também como um lugar de igualdade, integração, tradição e afeto. Entretanto, é importante considerar que também é um espaço de hierarquias, conflitos e resistências.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de trabalho à grande propriedade, pelas migrações temporárias ou definitivas, pela seca no sertão nordestino ou esgotamento do solo nas colônias do sul. A realidade das quatro comunidades rurais do município de Planalto – BA que estamos estudando não é muito diferente.

A produção dos meios de subsistência e a reprodução da vida comungam um sentido de troca a partir dos ciclos de vida familiar. Os agentes familiares (pai, mãe, sogro, sogra, nora, genro, filhos) são as pessoas com que o grupo pode contar: a família é o lugar do sustento econômico e da criação dos filhos, dos netos. O mundo rural é retratado como um espaço onde se desenvolve uma sociabilidade pelos laços entre os membros da família, parentes e vizinhos na viabilização das estratégias de sobrevivência. Um lugar cujo significado é constituído como um espaço de vida e de trabalho responsável por guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações seguintes. As trajetórias das famílias são contadas pela história das atividades na lavoura e criação de animais, em terras ocupadas, há muitos anos, por seus antepassados e que passaram, posteriormente, pela divisão (herança), casamento, ou por relações de compra e venda, no caso de famílias que chegaram depois. Constituem um grupo social que realiza trabalho agrícola de subsistência e um movimento migratório em busca de trabalho fora da propriedade na região ou em outros estados (**Foto 1**).

As comunidades localizam-se na região da caatinga, predominando o relevo ondulado e a presença de solos de média fértil, com capacidade de uso para cultivos temporários e pastagem. Os moradores estão reunidos segundo critérios de proximidade geográfica e apresentam grau significativo de parentela entre si. A economia do lugar é baseada em prática de agricultura tradicional de subsistência. (Plano de desenvolvimento do subterritório povo unido, 2008).

A região do ponto de vista econômico e social, segundo o IBGE (2003), apresenta um coeficiente de incidência de pobreza acima de 50%, índice superior à média nacional do Brasil que é de 32,6% e um dos mais baixos da Bahia. Isso



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mostra que um número significativo de moradores vive abaixo da capacidade de consumo de bens mínimos necessários para a sobrevivência.

As fotografias nos reportam para o reconhecimento do lugar onde estão localizadas as comunidades (**Fotos 2, 3 e 4**). O caminho percorrido até lá é de estrada de "chão batido" seguido por um rastro de poeira pela descida e subida de ladeiras. As imagens mostram a região da caatinga no tempo da seca com a paisagem esbranquiçada e prateada das plantas sem folhas, e no tempo da chuva quando a vegetação desponta com novas folhas e flores. A impressão à primeira vista é de um espaço socialmente vazio. No entanto, ao olhar com mais cuidado as imagens identificamos um conjunto de casas espalhadas e interligadas, uma pilha de lenha cortada no chão, um pedreiro construindo um muro, denunciando que ali é um espaço de trabalho e de reprodução da vida social.

É perceptível nas fotografias o cenário tranquilo e distante do estresse dos centros urbanos, mas, ao mesmo tempo, evidenciam a realidade difícil das pessoas que vivem no campo, conforme expressa um morador ao descrever a vida rural como "um lugar bom de viver, tranquilo, onde toda manhã ouve o canto dos pássaros, mas, a vida das pessoas não é fácil, por causa da falta d'água", gerada pela seca que assola constantemente a região, e pelas condições de pobreza da população. A desigualdade social dos moradores pode ser observada pela privação de condições materiais adequadas para sobreviver por meio do trabalho na propriedade, pela falta de oportunidades educacionais e pela carência de empregos.

No período da estiagem os galhos secos com poucas folhagens contrastam com o verde da palma, reserva de alimentos dos animais para reduzir o consumo de água, também usada como ingrediente culinário no preparo de comida para as pessoas como forma de combater a fome. A palma é plantada nos arredores de todas as casas (**Foto 5**).

Podemos ressaltar ainda como elemento forte da cultura rural das comunidades os artefatos religiosos (**Fotos 6**). Os símbolos religiosos estão



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

estampados em acessórios usados pelas mulheres, nas roupas, nos calendários, nas estatuetas e nas paredes das casas, como diferentes formas das pessoas manifestarem sua religiosidade e devoção. Os moradores da região são credulamente fervorosos e contam com a fé para rogar pelas chuvas e para sobreviver com esperanças. Acreditam que o presente é melhor do que o passado e o futuro "só a Deus pertence".

As transformações globais da sociedade capitalista proporcionada pelos processos de urbanização, industrialização e expansão dos meios de comunicação contribuíram para estreitar as relações entre o rural e o urbano. Nas comunidades o avanço tecnológico se mistura com o tradicional das casas e o modo de lidar com a terra e os animais (**Fotos 7 e 8**). Elementos rurais e urbanos coexistem na vida dos moradores: a antena parabólica, os eletrodomésticos e as motos que circulam nos espaços no lugar dos cavalos; contraditoriamente, os instrumentos de trabalho para cuidar da terra e dos animais continuam sendo a enxada, a foice, a pá. O modo de viver segundo os costumes típicos da cultura popular brasileira ainda é preservado como o reisado e as festas juninas, porém o modo de agir, de vestir dos jovens e dos objetos dentro de casa sofrem influências do mundo moderno. Em algumas casas encontramos o tanque de lavar roupa de cimento rústico, em outras, a máquina de lavar. As mercadorias unem as pessoas das comunidades ao mundo globalizado. O consumo dirigido dessas mercadorias cria a fantasia de ascensão social e de inclusão das pessoas "nos processos econômicos, na produção e na circulação de bens e serviços, estritamente em termos daquilo que é racionalmente conveniente e necessário à mais eficiente (e barata) reprodução do capital. (MARTINS, p. 20, 2012).



Foto 1: A família é o espaço de reprodução social e cultural. As mulheres desempenham um papel determinante na agricultura de subsistência, na provisão de água e alimentos. A vivência do trabalho nas comunidades implica a combinação de atividades domésticas e produtivas.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 2: A estrada de "chão batido" é a forma de acesso para uma das comunidades localizada na região de caatinga do município de Planalto, BA. No tempo da seca a paisagem é esbranquiçada e prateada por meio das plantas sem folhas.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 3: Retrato de uma comunidade tradicional rural, localizada na região de caatinga do município de Planalto, BA, e o aparente vazio da população que se deslocou para outra localidade. Detalhes, a exemplo da pilha de lenha, do sinal de um homem construindo um muro e a fogueira apagada mostram que o lugar um espaço de trabalho.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 4: A transformação da paisagem da região de caatinga do município de Planalto, BA, no período das chuvas. A vegetação desponta com novas folhas e flores.

Fonte: Pesquisa de campo

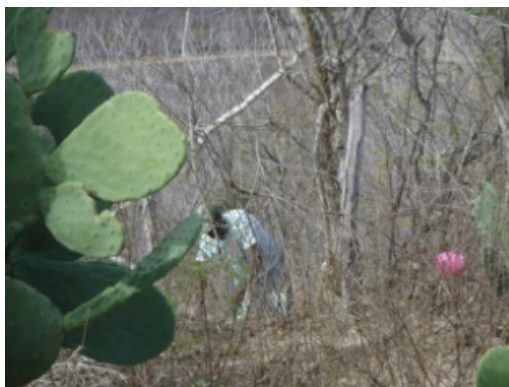


Foto 5: No período da seca os galhos secos com poucas folhagens contrastam com o verde da palma, reserva de alimentos dos animais e também como alimento nutritivo para as pessoas da região de caatinga do município de Planalto, BA.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 6: Os símbolos religiosos estão estampados nas casas, localizadas na região de caatinga do município de Planalto, BA, como diferentes formas das pessoas manifestarem sua religiosidade e devoção.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 7: A casa de uma comunidade tradicional rural , localizada na região de caatinga do município de Planalto, BA, e a sua relação com distintos universos culturais por meio da antena parabólica. As ficções presentes na comunicação de massa camufla a desigualdade social através do colorido mundo da fantasia da TV.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 8: A casa de uma comunidade tradicional rural, localizada na região de caatinga do município de Planalto, BA, e a sua relação com os eletrodomésticos.

Fonte: Pesquisa de campo

II

A remuneração da força de trabalho dos membros das comunidades é originária de recursos federais da bolsa família, bolsa escola, aposentadorias e do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

trabalho assalariado temporário, formas marginais de inclusão social. Esses recursos são responsáveis pela subsistência da família, uma vez que a maior parte dos bens necessários à sobrevivência são comprados no mercado. A precária produção agrícola da unidade familiar é utilizada para o autoconsumo. A constituição de alguma relação de troca no mercado é feita ocasionalmente, principalmente em épocas de chuvas. A principal relação que se estabelece com a acumulação capitalista situa-se no campo da reprodução da força de trabalho e formação do exército de reserva para atuar em atividades temporárias.

Wanderley (2009, p. 123) nos ajuda a compreender a organização do trabalho familiar nas comunidades. Segundo essa autora cada vez mais a unidade de produção tradicional depende dos "mecanismos estruturais do mercado", mediada pela necessidade de obter meios de sobrevivência como "a terra e os instrumentos técnicos da produção e da transferência para fora da unidade familiar do sobretrabalho nela produzido, e que irá alimentar o processo global de acumulação do país."

A divisão do trabalho nas comunidades é organizada a partir do núcleo familiar no desenvolvimento de atividades agrícolas para o autoconsumo, do trabalho temporário em outras propriedades e em atividades não agrícola, a exemplo da construção civil, no caso dos homens, e empregada doméstica no caso das mulheres.

As mulheres têm uma representatividade na comunidade onde moram, possuem um papel ativo como agente nos processos culturais e socioeconômico locais; além dos trabalhos com o cuidado da casa; elas são responsáveis pela criação dos filhos e pela ajuda no sustento da família (**Fotos 09**). Os homens estão sempre trabalhando em alguma atividade temporária fora de casa (a exceção são os idosos doentes), inclusive, encontramos um senhor aposentando seguindo pela estrada para ir caçar (**Foto 10**), que é considerada uma atividade rural das mais antigas e contribui como alimentação alternativa para a família ou vizinhos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A falta de água nos períodos de estiagem sempre foi um dos maiores problemas vivenciado pelas comunidades. Nos depoimentos as pessoas relatam os momentos difíceis; enfrentam o sol quente para buscar água em açude mais próximo, o que nem sempre esses lugares são pertos, ou em casa de algum vizinho. No período de seca, percebe-se no dia a dia dos moradores, uma prática constante de mulheres com uma vasilha na cabeça (**Foto11**).

A divisão sexual do trabalho diferencia os papéis sociais: homens e mulheres tem funções definidas. Os homens geralmente saem para trabalhar fora de casa, muitas vezes vão à lugares mais distantes. As mulheres permanecem nos arredores da moradia e quando vão em busca de trabalho em outros lugares, dizem que não trabalham todos os dias da semana, porque não podem deixar à casa. O trabalho doméstico é realizado por elas: varrer o terreiro, a casa, lavar louças e roupas, fazer a comida, buscar água, cuidar do quintal, da horta e dos animais. Os homens pouco ajudam as mulheres no serviço da casa. Eles buscam a lenha para uso doméstico e para construir cercas (**Foto12**) ou saem para vender produtos da terra na feira. A **Foto 13** ilustra o caso de um morador (com a ajuda da filha) que leva todo sábado para vender na feira frutas e hortaliças do seu quintal, somado à outros produtos que compra de intermediários.

A presença feminina está concentrada no trabalho não remunerado e para autoconsumo. Segundo o depoimento de uma moradora, em períodos de seca eles passam muita dificuldade, o dinheiro e os mantimentos são escassos, mas o pouco período de chuva, favorece o crescimento da plantação. No momento da entrevista o marido dela estava trabalhando na construção civil e ela sozinha esteve ocupada com a plantação para alimentar a família: preparou o terreno para receber as mudas e sementes, fez as covas e plantou.

No período das chuvas o cenário do sertão se enverdece trazendo “fartura”. Homens e mulheres trabalham na lavoura, uma cultura ensinada pelos pais ou pelas necessidades enfrentadas no dia a dia. Nas nossas observações nesse período

encontramos mulheres cuidando sozinhas de suas plantações. Elas mostram com orgulho o fruto do seu trabalho e fala sobre as etapas de cultivo e dedicação com a horta. **(Fotos 14 e15).**

Por fim, ressaltamos que a vida rural nas comunidades é mediada pelo trabalho doméstico e a produção agrícola para o autoconsumo. As estratégias de sobrevivência das famílias são diversificadas por meio das ações das políticas públicas focais e do trabalho temporário precário fora do estabelecimento. As tradições culturais permanecem como uma referência ao passado, integrada ao mundo moderno capitalista.

As fotografias registraram a paisagem e a vida do lugar ao documentar as descrições por meio da informação visual, conforme conceitua Kosoy (1989, p. 33). "Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação." Entretanto, o objeto fotográfico por si só não revela os mecanismos de dominação e de alienação que estão sujeitos os moradores das comunidades. É importante ressaltar que as condições de pobreza dessas pessoas constitui um fenômeno estrutural, fruto do desenvolvimento social e econômico desigual da acumulação capitalista.



Foto 09: As mulheres da região de caatinga do município de Planalto, BA possuem um papel ativo como agente nos processos culturais e socioeconômico local, somado à responsabilidade com o cuidado da casa e criação dos filhos.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 10: Homem seguindo pela estrada para ir caçar. O exemplo de uma das atividades rurais das mais antigas, na região de caatinga do município de Planalto, BA.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 11: No período de seca na região de caatinga do município de Planalto, BA, é prática constante mulheres carregarem vasilha de água na cabeça.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 12: Os homens da região de caatinga do município de Planalto, BA, pouco ajudam as mulheres no serviço doméstico. Eles buscam a lenha para uso doméstico e para construir cercas.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto13: Morador da comunidade vendendo na feira livre da cidade de Planalto, BA siriguela produzida no quintal e ervas medicinais compradas no mercado.



Foto 14: Mulher da comunidade da região de caatinga do município de Planalto, BA, mostra o seu trabalho e as etapas no plantio da horta.

Fonte: Pesquisa de campo



Foto 15: Mulher da comunidade da região de caatinga do município de Planalto, BA, colhendo maxixe no canteiro do quintal

Fonte: Pesquisa de campo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

- BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica de família. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. v. 6. n.1, p. 1-23, 1989.
- CIAVATTA, M. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1900 – 1930). Rio de Janeiro:DP&A,2002.
- IBGE. Cidades. (2003). Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.
- MARTINS, José de S. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática,1989.
- PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO SUBTERRITÓRIO POVO UNIDO*. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR. Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional – SEDIR. Bahia, 2008.
- WANDERLEY, M^a de N. B. *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: UGRGS, 2009.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 1994.